

**OS PERCURSOS DE UMA MISSÃO AO TRADUZIR *DE L'ÊTRE AU VIVRE*, DE FRANÇOIS JULLIEN: CARTOGRAFIAS TRADUTÓRIAS ENTRE ORIENTE E OCIDENTE**

**Maria Luiza Berwanger da Silva** (ORCID 0000-0001-8280-8633)

**Marinice Argenta** (ORCID 0000-0003-2180-8159 )

**Diego Lock Farina** (ORCID 0000-0003-0362-564x)

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Brasil)*

Je considère que traduire, c'est éclairer, chemin faisant, quels possibles on a dû fermer, en passant d'un cadre à l'autre, et quels autres aussi on a dû ouvrir dans la langue d'arrivée ; si en même temps que je fraye (et force) un passage, d'un langue à l'autre, je commence déjà à retourner sur mes pas pour éclairer ce que j'ai fait (je n'imagine pas de traduire sans commenter) ; bref, si, en même temps qu'on << traduit >>, on remonte dans les conditions de possibilité de ce qu'on *produit*. Traduire n'est plus alors une perte (je le dis à l'encontre de tant de lamentations bavardes sur cette fatalité : << traduire, c'est trahir >>, etc.). Mais c'est le biais et l'occasion d'une nouvelle réflexivité : Babel est à coup sûr une chance de la pensée – celle de pouvoir sortir de sa langue et de ses idiotismes (atavismes), en tout cas, de pouvoir les sonder.

François Jullien, *Bibliothèque des Idées: Entrer dans une pensée*.

Une traduction relevante serait donc, tout simplement, une “bonne” traduction, une traduction qui fait ce qu'on attend d'elle, en somme, une version qui s'acquitte de sa mission, honore sa dette et fait son travail ou son devoir en inscrivant dans la langue d'arrivée l'équivalent le plus juste, approprié, pertinent, adéquant, opportun, aigu, univoque, idiomatique, etc.

Jacques Derrida, *Qu'est-ce qu'une traduction “relevante”?*

Uma tradução implica definitivamente uma missão. Esse compromisso tem continuamente em seu encargo manter-se o mais fiel possível à língua alvo da tradução. Contudo, percebe-se nas duas epígrafes que os dois pensadores franceses contrariam tal assertiva confluindo, em certa perspectiva que inova os estudos tradu-



tórios, hoje pelo âmbito da invenção concedida a todo tradutor; como se esta concessão lhe outorgasse o direito à constante operação de desdobramentos e de passagens de uma língua a outra em gesto que fixa na prática de perscrutar (*scruter*) o traço exemplar da fisionomia do tradutor contemporâneo. (Leia-se sob esta afirmação a eficácia deste pensamento para o exercício da tradução na América Latina e que encontra na voz de Haroldo de Campos a sua matriz primordial). Assim, o presente artigo buscará evidenciar a fertilidade da tradução como ato que, uma vez articulado por uma reflexão de natureza interdisciplinar, encontra nesse lugar um foco irradiador da representação do exercício tradutório como transcrição, imagem que sintetiza a seu modo o caminho teórico crítico perseguido pelos tradutores latino americanos. Sendo assim, segundo nos aponta Derrida, para que essa missão seja cumprida, deve-se ter em mente que uma tradução precisa estar no nível mais “equivalente” possível, a fim de que o tradutor possa honrar seu trabalho e seu dever.

Em um primeiro momento, todavia, quando nos deparamos com uma tradução, parece-nos tarefa elementar e deveras genuína manter o “nível equivalente”. Porém, quando damos início ao processo, percebemos que cumprir a “missão” exige muito mais do que apenas a vontade de honrar o trabalho e o dever. Aliás, é preciso levar em consideração que “todos os movimentos humanos, mesmo os mais violentos, implicam traduções” (DELEUZE; GUATTARI 2011: 101).

Há um olhar patente do senso-comum para a tradução, ou seja, existe um consenso de que tradução significa um simples trabalho com o léxico, isto é, o autor escreve e, por conseguinte, o tradutor lê e realiza seu trabalho de acordo com o significado que aquelas palavras expressam, resultando em um ofício único e simples. Não obstante, traduzir um texto, uma obra ou qualquer outro conteúdo concernente, significa muito mais do que apenas traduzir palavras ou frases.

Uma tradução está muito mais atrelada ao conhecimento do tradutor com a língua-alvo do que apenas e somente ao conhecimento lexical. Paulo Rónai, em *Tradução vivida*, discorda dos próprios conceitos dados à palavra tradução, quando nos diz



que “ao definirem ‘tradução’, os dicionários escamoteiam prudentemente esse aspecto e limitam-se a dizer que ‘traduzir é passar para outra língua’” (RÓNAI *apud* UFSC 2016). Fato que corrobora com o conceito precoce a respeito de uma tradução, ou seja, que basta saber a língua para que uma tradução seja realizada.

Para o tradutor, entretanto, não basta saber a língua; há que se entender a língua na sua profundidade, o que implica um conhecimento cultural da língua a ser traduzida, além de todo um contexto implícito naquele momento específico ou em outro momento qualquer relativo ao texto. Fatos que precedem a necessidade de vários outros aspectos que compreendem estar muito além de um conhecimento e clareza lexical.

Reconhecendo esses aspectos, pode-se dizer que o fator aparentemente primordial, que seria o conhecimento lexical da língua-alvo, deve determinadamente vir acompanhado de muitos outros, sejam eles associados à questão cultural, histórica, social ou a outros constituintes:

Por tradução não se deve somente compreender que uma língua possa, de algum modo, “representar” só dados de uma outra língua; mas, mais ainda, que a linguagem, com seus próprios dados no seu estrato, pode representar todos os outros estratos e aceder assim a uma concepção científica do mundo. O mundo científico (Welt, por oposição ao Umwelt animal) aparece, com efeito, como a tradução de todos os fluxos, partículas, códigos e territorialidades dos outros estratos num sistema de signos suficientemente desterritorializados, quer dizer, uma sobre-codificação própria à linguagem (DELEUZE; GUATTARI 2011: 100).

Sobreposto a esses fatores, há ainda que se ter uma aproximação, ou seja, uma certa intimidade com o autor do texto a ser traduzido, o que implica em possuir um conhecimento prévio sobre autor/obra, uma vez que essa particularidade poderá propiciar um melhor entendimento, possibilitando ao tradutor estar mais coadunado e identificado ao vocabulário da língua-alvo, detectando até mesmo os objetivos claros ou intrínsecos do autor. Poder-se-ia dizer que tal aproximação poderia promover uma espécie de amalgamento entre autor/obra/línguas/tradutor.



François Jullien (2013), em seu livro *Transformações Silenciosas*, quando nos fala “do que se olha mas não se percebe ou do que se escuta mas não se ouve”, apontando para o “ininteligível”, oferece-nos uma reflexão a respeito da percepção ou de um olhar “perscrutador” de um tradutor, ou seja, há que se ter também um sentimento, uma sensação, certo instinto ou mesmo uma dada intuição para perceber o que não é perceptível. Sendo assim, um tradutor não pode ser jamais um leitor exíguo, pois necessita de uma capacidade que supere uma leitura singela, que compreenda um olhar apurado para enxergar além do que está somente redigido.

Tendo em vista todos esses fatores, há que se efetuar, por conseguinte, uma miríade de questionamentos a respeito de um texto a ser traduzido, muito antes de se dar início à tradução propriamente dita, ou seja, sobre o que trata a obra, autoria, finalidade, destinação, uso, objetivo, público-alvo, palavras-chave, momento histórico, de forma contínua e sucessivamente, sempre levando em conta o contexto geral da obra, sua especificidade e seus mais diversos agenciamentos.

Para adentrarmos em um exemplo real de tradução, tomar-se-á a obra de François Jullien denominada *De l'Être au Vivre*, uma dos mais recentes trabalhos filosóficos do autor, que trata do léxico do pensamento euro-chinês.

François Jullien é um filósofo e sinólogo francês contemporâneo. É doutor em Estudos do Extremo Oriente; estudou e formou-se pela *École Normale Supérieure*, na França, como também estudou a língua e o pensamento chinês nas Universidades de Pequim e Xangai. Além de ter atuado em pesquisas filosóficas e estudos chineses.

Seu trabalho *De L'Être au Vivre* apresenta-nos essas duas culturas: francesa e chinesa. Percebe-se, em vista disso, que se trata de uma obra *sui generis*, uma vez que se sabe, antecipadamente, que há duas culturas implicadas, relacionadas e distintas entre si, numa mesma obra. Há, portanto, um trabalho bem mais intrincado a ser apurado, uma vez que, além das duas culturas concernentes à obra, há ainda uma terceira: a cultura da tradução de origem, a brasileira, que tem como língua o por-



tuguês. Temos, assim, três culturas distintas interpoladas em uma única tradução. Fato que, à primeira vista, pode parecer complexo, principalmente quando não se tem conhecimento de alguma delas.

Aparentemente, pode parecer uma contradição entre o que foi dito sobre o léxico, isto é, não ficar estancado somente neste aspecto particular, uma vez que o livro *De l'Être au Vivre* é considerado por críticos franceses como uma espécie de dicionário franco-chinês, o que poderia configurar, a princípio, um trabalho apenas lexical. Porém, o fato curioso é que é exatamente nesse sentido também, de estar além do léxico, que nos fala Jullien em sua obra, uma vez que seu propósito está calcado no “pensamento” chinês e europeu, e não na tradução imediata entre uma língua e outra. Segundo o autor, “si elle [la pensée] n'est pas de-terminée par la langue, la pensée n'en exploite pas moins les ressources” (JULLIEN 2015: 7), propondo, assim, um encontro entre as línguas, um “pensar entre pensamentos”, sem ficar bloqueado de um lado ou de outro, de forma que se esteja além dos conceitos, como se constata em sua obra:

Aussi s'agira-t-il ici, plutôt que de concepts confiants dans leurs généralités, d'*écarts* conceptuels fissurant une généralité trop vite accordée et, par là, ouvrant de l'*entre* entre ces langues et ces pensées. Par suite, ne s'agira-t-il pas de “comparer”, en cherchant à identifier des ressemblances et des différences pour caractériser l'une et l'autre pensée -identifications vaines autant qu'impossibles; mais, en organisant un vis-à-vis entre ces langues et ces pensées, de permettre un *dévisagement* réciproque entre elles, d'où résulte une *réflexion* de l'une para l'autre, et cela simultanément des deux côtés. (JULLIEN 2015: 8-9).

A proposta oferecida por Jullien, desse modo, encontra-se inserida exatamente no sentido de avançar no léxico, de não ficar no significado estancado da palavra, mas propiciar um reencontro entre esses pensamentos distintos, desconstruindo os paradigmas calcados na tradução literal e reinterpretando o que já foi construído sem estar em nenhum deles, propiciando um “olhar recíproco entre os dois”, reconfigurando gradualmente o campo do pensamento, exigindo um pensamento que se beneficie de recur-



so disponíveis dos dois lados.

Umberto Eco (2007: 190), em sua obra *Quase a mesma coisa*, quando escreve “uma tradução não diz respeito apenas a uma passagem entre duas línguas, mas entre duas culturas, ou duas enciclopédias”, oferece-nos a constatação de que não é somente pelo caminho lexical que percorre a tradução. E ao citar Schleiermacher, atenta para o fato de que “cada indivíduo livremente pensante e intelectualmente autônomo tem, por sua vez, condições de plasmar a língua” (SCHLEIERMACHER *apud* ECO 2007: 175), esclarecendo-nos o fato de que o indivíduo não está à mercê de sua língua, posto que a língua é viva e modifica-se constantemente. Quando complementa com Humboldt afirmando que “foi o primeiro a dizer que as traduções podem enriquecer a linguagem de chegada em termos de sentido e expressividade” (ECO 2007: 198), reforça o pensamento de Jullien no sentido de explorar os recursos que cada língua oferece, isto é, ir além do que já está fixado e determinado.

A obra de Jullien, por sua vez, não exige uma transliteração, ou seja, tradução dos caracteres chineses para o alfabeto da língua portuguesa, uma vez que o autor utiliza-se dos logogramas e ideogramas com explicações imediatas e exemplificativas, o que não torna a tradução inviável para quem não possui conhecimento do sistema logográfico chinês. Além disso, “na China não existe nem Palavra divina nem epopeia, a consciência nasce do traço. E o *I Ching* é a obra por excelência do traço escrito” (JULLIEN 1997: 16). Se o mito no ocidente colocava em cena um drama, como história primitiva, fundante, o diagrama formado pelo *I Ching* representa uma evolução de caráter transformacional, intervindo por fatores constitutivos. O traço é sempre indicativo de uma tendência, em constante mutação, ao passo que não se vincula a uma relação transcendente, como aponta o mito, mas sim vale como “revelação da imanência” (JULLIEN 1997: 18); imanência do pensamento, pensamento enquanto imanência própria, que opera por tudo que existe de mesmo no outro, e cartografa percursos através de correlações diferenciais. Essa lógica da imanência, em associação ao pensamento oriental, é marca central na produção de Jullien, o que



ressona, com efeito, na tarefa de traduzi-lo.

Não obstante, *De l'Être au Vivre* compõe um aspecto bem mais abrangente do que uma tradução apenas entre duas línguas, pois se encontra atrelada em dois signos linguísticos: Francês e Chinês, por conseguinte duas culturas distintas que serão “transportadas” para uma terceira: o Português. Todavia, esse fato não a torna inexequível à tradução para quem não possui o conhecimento da cultura chinesa; ao contrário, faz dela uma obra significativa e estimulante, uma vez que provoca um desafio jubiloso, criando uma espécie de “hospitalidade linguística”, como nos fala Ricoeur (2011: 30), em *Sobre a Tradução*, “onde o prazer de habitar a língua do outro é compensado pelo prazer de receber em casa, na acolhida de sua própria morada, a palavra do estrangeiro”.

Ademais, transpor obstáculos é fato contínuo para um tradutor; é o que o conduz adiante no caminho incessante do primor às descobertas para o conhecimento. Fatores presentes na essência de cada indivíduo, desde a aprendizagem de sua própria língua, como nos apresenta Octavio Paz, em *Traducción: literatura y literalidad*:

Aprender a falar é aprender a traduzir: quando uma criança pergunta a sua mãe o significado desta ou daquela palavra, o que realmente pede é que traduza para a sua linguagem a palavra desconhecida. A tradução dentro de uma língua não é, nesse sentido, essencialmente diferente da tradução entre duas línguas, e a história de todos os povos repete a experiência infantil (PAZ *apud* UFSC 2016: 78).

Depreende-se, dessa forma, que toda tradução pode ser realizada no escopo de “honrar seu trabalho e dever”, pautada no comprometimento de uma “missão”, uma vez que esse desejo de compreensão acompanha-nos perenemente, muitas vezes conduzida pelo prazer seja da “hospitalidade” de Ricoeur, do “enriquecimento” de Eco, do “encontro” de Jullien. Enfim, seja no próprio prazer em si, que não encontra explicitação e repousa no “ininteligível” de Jullien.



O que escapa ao senso comum, no entanto, é o fato de que o tradutor concebe um trabalho solitário, ou seja, ele faz o papel da criança e da mãe ao mesmo tempo, uma vez que não há uma figura materna para lhe dar respostas às palavras desconhecidas, tampouco para as associações entre as línguas ou a todo o contexto que lhe concerne. Seria como dizer que um tradutor faz o trabalho simultâneo de um garimpeiro e de um ourives, ou seja, além de garimpar a palavra estrangeira, precisa também lapidá-la. Nas palavras de Haroldo de Campos, essa atividade tradutória consiste em “um complexo decifrar para um novo e complexo cifrar” (DE CAMPOS, *apud* BERWANGER DA SILVA 2004: 237). Destarte, mesmo que a atividade de um tradutor seja realizada em agregações, o exercício será sempre solitário; dado isso, trata-se sempre de uma grande “missão”, mas considerada sob a forma de tarefa inesgotável e em constante refazer. Intitular cartografias tradutórias entre oriente e ocidente evidencia justamente o espaço intervalar produzido por diversos pensamentos postos em intersecção os quais, uma vez mediados pela liberdade inventiva do escritor ressimbolizam os limiares das línguas a traduzir resultando em novas paisagens cartográficas a serem compostas; cartografias, em uma palavra, que ressoam continuamente os ecos orientais e ocidentais num processo de recíproca transformação.

### Referências bibliográficas

- DE CAMPOS, Haroldo. (2004). “Da tradução como criação e como crítica”. En: CARVALHAL, Tania Franco; REBELLO, Lúcia Sá; FERREIRA, Eliane Fernanda (Orgs.). *Transcrições* (teoria e práticas). Porto Alegre: Evangraf, pp. 235-240.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. (2011). *Mil Platôs*, v.1. São Paulo: Editora 34.
- DERRIDA, Jacques. (2005). *Qu'est-ce qu'une traduction "relevante"?*, Paris: Herne.
- ECO, Umberto. (2007). *Quase a mesma coisa*. Experiências de tradução. Rio de Janeiro/São Paulo: Record.
- JULLIEN, François (1997). *Figuras da imanência: para uma leitura*



*filosófica do I Ching, o clássico da mutação*. São Paulo: Editora 34.

- . (2010). *Entrevista Revista Cult de François Jullien*. En: UFRGS, Difusão Cultural (publicada em 29 de março de 2010). Disponível em: <<<http://www.ufrgs.br/difusaocultural/adminmalestar/documentos/arquivo/EntrevistaCult.pdf>>>. Acesso em 05 de outubro de 2016.
- . (2012). *Bibliothèque des Idées: Entrer dans une pensée*. Paris: Gallimard.
- . (2013). *Transformações Silenciosas*. Tradução: Maria Luiza Berwanger da Silva. Porto Alegre: Paiol.
- . (2015). *De l'Être au Vivre: Lexique euro-chinois de la pensée*. Paris: Gallimard.
- . (2016). *France Culture: Personne François Jullien*. Disponível em: <<<http://www.franceculture.fr/personne/francois-jullien#>>>. Acesso em: 03 de outubro de 2016.
- PAZ, Octavio. (2016). *Repertorio de Ensayistas y Filósofos*. Disponível em: <<<http://www.ensayistas.org/filosofos/mexico/paz/>>>. Acesso em: 05 de outubro de 2016.
- RICOEUR, Paul. (2011). *Sobre a Tradução*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- RÓNAI, Paulo. (1976). *A tradução vivida*. Rio de Janeiro: EDUCOM. UFSC, Repositório Institucional da. *Introdução aos Estudos da Tradução*. En: PEGET (Pós-graduação em Estudos da Tradução). Disponível em: <<[http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/introducaoAosEstudosDeTraducao/assets/298/Texto\\_Base\\_Intro.Trad\\_pdf\\_.pdf](http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/introducaoAosEstudosDeTraducao/assets/298/Texto_Base_Intro.Trad_pdf_.pdf)>>. Acesso em 05 de outubro de 2016.

#### RESUMO:

Articulada entre Oriente e Ocidente, a paisagem filosófica de François Jullien concede aos estudos da Tradução certa reflexão que, ao se constituir como ponto de convergência de pensamentos



teóricos distintos e, ao evidenciar o legado da América Latina a este campo pela mediação de figuras como Haroldo de Campos e Otavio Paz, fertiliza o saber tradutório pelo conceito de universalidade e de mundialização. Com base neste pressuposto, o presente artigo examinará as operações efetuadas pela passagem da língua francesa para a língua portuguesa da obra *De L'Être au Vivre (Lexique euro-chinois de la pensée)*, Paris: Gallimard, 2015 de François Jullien, visualizando-as tanto como prática requerida pela natureza intervalar dessa produção entre duas culturas, a oriental e a ocidental, quanto pelas noções transmitidas pelo conjunto dos verbetes constitutivos dessa obra. Nela, ficam evidenciadas a liberdade do sujeito e da subjetividade do tradutor como traços primordiais que garantem a eficácia do texto traduzido. Dizer, portanto, “Cartografias Tradutórias entre Oriente e Ocidente” significará, nesse artigo, sublinhar o projeto contemporâneo da tradução como uma das possíveis representações do jogo entre nacional e transnacional emergente do diálogo de Filosofia com Tradução.

**Palavras-chave:** Tradução, Invenção, Filosofia, Cartografia.

**RESUMEN:**

**LOS RECORRIDOS DE UNA MISIÓN AL TRADUCIR DE *L'ÊTRE AU VIVRE*, DE FRANÇOIS JULLIEN: CARTOGRAFÍAS TRADUCTORAS ENTRE ORIENTE Y OCCIDENTE**

Articulada entre Oriente y Occidente, el paisaje filosófico de François Jullien concede a los estudios de la Traducción cierta reflexión que, al constituirse como punto de convergencia de pensamientos teóricos distintos y, al evidenciar el legado de América Latina a este campo por la mediación de figuras como Haroldo de Campos y Otavio Paz, fertiliza el saber sobre la traducción por el concepto de universalidad y de mundialización. Basándonos en esa noción, el presente artículo examinará las operaciones de traducción del francés al portugués de la obra de *De L'Être au Vivre (Lexique euro-chinois de la pensée)*, Paris:



Gallimard (2015) de François Jullien, visualizándolas ya sea como práctica requerida por la condición de intervalo entre dos culturas -la oriental y la occidental-, como por las nociones transmitidas por el conjunto de los contenidos constitutivos de esa obra. En ella quedan evidenciadas la libertad del sujeto y la subjetividad del traductor como rasgos primordiales que garantizan la eficacia del texto traducido. Decir, por lo tanto, "Cartografías Traductorales entre Oriente y Occidente" significará, en este artículo, subrayar el proyecto contemporáneo de la traducción como una de las posibles representaciones del juego entre lo nacional y lo transnacional, emergente del diálogo de la Filosofía con la Traducción.

**Palabras clave:** Traducción, Invención, Filosofía, Cartografía.

**ABSTRACT:**

**THE PATHWAYS OF A MISSION TO THE TRANSLATION OF  
*L'ÊTRE AU VIVRE*, BY FRANÇOIS JULLIEN: TRANSLATIONS  
CARTOGRAPHIES BETWEEN THE EAST AND THE WEST**

Articulated between East and West, the philosophical landscape of François Jullien gives to the studies of the Translation a certain reflection that, being constituted like point of convergence of different theoretical thoughts and, when evidencing the legacy of Latin America in this field by the mediation of figures like Haroldo de Campos and Otavio Paz, fertilizes the knowledge of translation by the concept of universality and globalization. Based on this notion, this article will examine the operations carried out by the translation of the French language into the Portuguese language of the work of *De L'être au Vivre (Lexique euro-chinois de la pensée)*, Paris: Gallimard, 2015 de François Jullien, visualizing them both as a practice required by the interval nature of that production between two cultures, Eastern and Western, as well as by the notions transmitted by the set of constitutive contents of that work. In it, the freedom of the subject and the subjectivity of



the translator are evidenced as primordial traits that guarantee the effectiveness of the translated text. To say, therefore, "Translations Cartographies between East and West" will mean, in this article, to emphasize the contemporary project of translation as one of the possible representations of the game between national and transnational emerging from the dialogue of Philosophy with Translation.

**Keywords:** Translation, Invention, Philosophy, Cartography.

